

Geografias emocionais e solidariedades inter-geracionais em contextos festivos: o caso das festas patronais de Ficalho e Rosal de la Frontera

Dulce Simões

Instituto de Etnomusicologia – Música e Dança, Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, maria.simoes@fcsh.unl.pt

Resumo

As festas são espaços de encontro e identificação, com capacidade de estimular imaginários e representações culturais que se transformam em lugares, no sentido existencial e fenomenológico do termo. A espacialidade das emoções, o sentimento e o afecto permitem compreender a interação entre as pessoas e os lugares, por meio da memória coletiva e de rituais e símbolos que atribuem sentido e significado à vida das comunidades. Nesta comunicação, trago ao debate as geografias emocionais e as solidariedades intergeracionais num espaço rural e fronteiriço, tomando como objectos empíricos as festas patronais de Vila Verde de Ficalho (Baixo Alentejo) e Rosal de la Frontera (Andaluzia).

Palavras chave: fronteira luso-espanhola, relações fronteiriças; festividades; geografias emocionais

1. Introdução

Ao longo do processo histórico as populações raianas portuguesas e espanholas partilharam realidades políticas, socioeconómicas e culturais comuns. As zonas fronteiriças foram “zonas de refúgio” (Scott, 2009), e a actividade agrícola foi complementada pelo contrabando, unindo os dois lados da fronteira numa cultura de resistência aos estados nacionais (Cairo *et al* 2009, Freire *et al* 2009, Rovisco 2013). As redes de interdependência económica consolidaram as relações de vizinhança, articuladas por laços de parentesco e solidariedades de classe (Cunha 2006, Godinho 2011, Simões 2013). No início da década de 60 assiste-se a aceleradas mudanças estruturais na agricultura, ao êxodo rural para a periferia das cidades e à emigração para a Europa, fatores que contribuíram para a desvitalização económica e a desertificação humana das zonas fronteiriças. Oliveira Baptista (2001) diz-nos que o mundo rural e agrícola atingiu em Portugal a sua máxima “expressão territorial e demográfica em meados do século XX”, e a retracção da superfície cultivada a partir da década de 1960, gerou uma “ruptura dos aglomerados locais com o espaço que os rodeia” (Baptista, cit. em Rovisco 2011: 60), com a consequente orientação do espaço para actividades ambientais, de turismo e lazer. A partir da década de 1980, a integração no espaço

político e económico europeu e o processo de “europeização” (Borneman & Fowler 1997: 487), provocaram um conjunto de perdas simbólicas e culturais na vida das populações raianas.

No contexto global, o local reafirma-se e reinventa-se para atrair forasteiros, criando um mapeamento de atributos identitários. O local, “ao ser imaginado, recompõe saberes e poderes, com a atomização do conhecimento e a sua multiplicação” (Godinho 2012: 233). Neste processo assistimos à mercantilização do património natural, material e imaterial, ao serviço do turismo e do lazer, com a proliferação de roteiros turísticos institucionalizados, e de eventos locais baseados em produtos e particularidades que reinventam o lugar da fronteira. Como exemplos desta realidade, na fronteira do Baixo Alentejo / Extremadura / Andaluzia, encontramos a “ExpoBarrancos – a grande feira da raia” (Barrancos), a FATOR - Feira de Artes e Ofícios da Raia (Vila Verde de Ficalho), a Feira Transfronteiriça de Vale do Poço (Santana de Cambas), a Ruta de los Contrabandistas (Oliva de la Frontera- Extremadura) e a Feria Gastronómica Transfronteriza del Gurumelo, (Paymogo - Huelva), por iniciativa de agentes locais. Desta forma, as fronteiras políticas converteram-se em “lugares de memória” e produtos turísticos, associados a processos de patrimonialização de elementos de simbologia geopolítica, que não se relacionam especificamente com a linha de demarcação, mas também com as características atractivas da paisagem natural ou dos espaços rurais, escassamente povoados e caracterizados como “periféricos, “remotos”, ou “exóticos” (Rovisco 2011: 103).

As povoações fronteiriças transformaram-se em lugares temporalmente reactivados e re-significados em contextos festivos. As festas atraem forasteiros, intensificam os laços entre os membros da comunidade na diáspora, actualizam as memórias e produzem sentimentos de pertença. As festas religiosas/populares, associadas a uma sociedade que foi agrícola (Baptista 1996 *passim*), são organizadas por trabalhadores imigrados, jovens escolarizados e agentes locais, que constroem solidariedades inter-geracionais e re-significam os lugares da fronteira. Nesta comunicação trago ao debate as geografias emocionais no processo de interação entre as pessoas e os lugares, tomando como objectos empíricos as festas patronais de Vila Verde de Ficalho (Baixo Alentejo) e Rosal de la Frontera (Andaluzia). Metodologicamente utilizo as ferramentas clássicas da antropologia: observação, entrevistas e conversas informais realizadas em Abril e Maio de 2014, complementadas pelo registo audiovisual e pela pesquisa documental e bibliográfica. Trata-se de um estudo em curso, centrado nas transformações da cooperação transfronteiriça na raia luso-espanhola e nos processos de construção e desconstrução da fronteira, que procura compreender a acção dos agentes sociais na articulação entre o local e o global.

2. Geografias emocionais: as festas da Senhora das Pazes e de San Isidro El Labrador

Vila Verde de Ficalho é uma freguesia do concelho de Serpa (Baixo Alentejo), com uma área de 105,03 km² e 1.459 habitantes (Censos 2011), situada a 30 km da sede de concelho e a 7 km da povoação espanhola de Rosal de la Frontera (Huelva). A Festa da Senhora das Pazes remonta historicamente ao séc. XVIII, segundo o estudioso local Francisco Valente Machado (1940), que atribui a iniciativa à 2ª Condessa de Ficalho, na sequência de uma contenda entre os seus filhos e os fidalgos de Aroche (Huelva). A ermida da Senhora das Pazes, identificada como arquitetura religiosa popular do séc. XVI, tornou-se num lugar de peregrinação e devoção de portugueses e espanhóis. A localização geográfica, junto ao rio Chança, que delimita a fronteira luso-espanhola, é fundamentada na “Lenda da N. S^a das Pazes”, convertendo-a num lugar com significado. A lenda cristaliza-se num mito da comunidade, e a festa serve para renovar profundas e duradouras continuidades culturais com os vizinhos de Rosal de la Frontera, município da província de Huelva (Andaluzia) com uma área de 210 km² e 1.830 habitantes (Sistema de Información Multiterritorial de Andalucía 2013). Em Rosal, a romaria de San Isidro El Labrador foi inventada em 1942 pelo pároco local, e transformou-se na festividade mais significativa da comunidade, ao propiciar o reencontro de familiares e amigos na diáspora. San Isidro é um santo vinculado ao mundo rural, à actividade agrícola, venerado em diversas povoações espanholas e da América Latina. Na Andaluzia, Extremadura e Castilla La Mancha dedicam-se romarias em honra do Santo, com idas ao campo em carroças engalanadas de flores, com desfiles de cavaleiros e de romeiros a pé. Ao convidarem a Comissão de Festas de Ficalho a integrar o processo ritual da festa, os rosaleños fortalecem as relações de vizinhança, partilhando os imaginários de uma cultura raiana. A festa da Senhora das Pazes é organizada por uma Comissão composta por 95 pessoas de diferentes géneros e idades, nomeados pelos festeiros cessantes, aos quais se distribuem tarefas e responsabilidades de acordo com as suas competências. A Romería de San Isidro é organizada por um grupo de 20 pessoas, integradas numa estrutura formal e hierarquizada, a Hermandad, renovada de quatro em quatro anos. Os grupos constroem solidariedades inter-geracionais que asseguram a continuidade de uma tradição religiosa-popular, por meio da partilha de experiências e de afectos, materializadas em eventos e iniciativas realizadas ao longo do ano, que permitem custear a contratação de grupos musicais e do fogo-de-artifício que animam e prestigiam as festas. Todavia, a maioria dos seus elementos não residem nas localidades de origem, trabalham e estudam nas cidades, e ao cooperarem na organização das festividades concebem geografias emocionais. As festas estabelecem relações entre lugares e pessoas, perpetuando e reativando ciclicamente as memórias colectivas e as identificações locais dos seus participantes.

2.1. O lugar do encontro: cerimonial e integração social nas vilas

A Azinheira dos Guiões é um lugar com significado, que assinala não apenas o limite da vila de Ficalho junto à estrada internacional, mas o lugar de encontro dos guiões convidados para a festa. A azinheira centenária, que nomeou o lugar, não existe, excepto na memória colectiva. O espaço geográfico foi transformado num posto de gasolina da Galp, mas é num lugar imaginado que a Comissão de Festas de Ficalho recebe as comissões de festas vizinhas. Em 2014 participaram no encontro os guiões de São Bento (Vila Nova de São Bento), o guião da Senhora do O, (Sobral da Adiça), e o guião de San Isidro El Labrador, num ritual que intensifica as relações de vizinhança, exteriorizadas em sentimentos de fraternidade. À receção de boas vindas segue-se o desfile dos grupos de festeiros, com os seus pendões, pelas ruas da vila, conduzidos pelo guião da Senhora das Pazes e São Jorge. Na frente do cortejo atuava o grupo de bombos de Vila Nova de São Bento, seguido da Fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Reguengos, e na retaguarda a Banda Filarmónica de Serpa. A maioria da população assiste ao desfile à porta de casa, mas alguns acompanham-no até ao largo da Igreja Matriz. O trajecto pelas ruas integra simbolicamente os vizinhos no espaço da comunidade, onde são saudados e recebidos pelas autoridades e associações locais; lugares com significado político e social. O ritual tem o seu término na Igreja Matriz, na qual os guiões são depositados até à manhã seguinte, para a saída da romaria até à ermida da Senhora das Pazes. Em Rosal de la Frontera o ritual de receção ao guião da Senhora das Pazes realiza-se no “lugar de la aduana”, que marca o limite da vila e recorda o poder do Estado na fronteira. A aduaneira foi desativada com a abertura das fronteiras, e o espaço reabilitado para um posto de controlo da Policia de Transito. O desfile até à Igreja Matriz do Rosal é encabeçado por um grupo de tamborileiros, prática musical e performativa que se perdeu em Ficalho, seguidos do guião de San Isidro, dos membros da Hermandad e do guião da Senhora das Pazes e pelos elementos da Comissão de Festas de Ficalho. Ao longo do percurso os santos são saudados fervorosamente pela população, que se junta ao cortejo cantando ao som de pandeiretas e tambores, numa manifestação coletiva repleta de sentimentos e emoções. A relação entre os santos padroeiros foi socialmente construída, e é evocada numa canção popular que exalta simbolicamente a irmandade e fraternidade entre os dois povos vizinhos.

2.2. Os lugares de devoção: as ermidas no campo

As ermidas no campo, situadas na periferia do espaço comunitário das vilas, são lugares alternativos ao universo sagrado, que representam uma religiosidade popular não institucional. Em torno das ermitas conservam-se crenças e sentimentos, expressos em rituais que funcionam como uma construção memorial

das comunidades rurais. As romarias, “como otros tipos de fiestas, desempeñan funciones religiosas y lúdicas, pero también cívicas o políticas, ya que suscitan sentimientos de pertenencia e identidad grupal, local y nacional” (Homobono Martínez 2012: 43). A romaria e o arraial em honra da Senhora das Pazes, que se realizavam na segunda-feira de Pascoela, foram recalendarizadas para domingo, ajustando-se à realidade de uma comunidade migrada. Em Rosal, a romaria de San Isidro realiza-se de sábado a segunda-feira, embora os participantes que trabalham em Huelva ou Sevilha sejam forçados a partir no domingo. Os rituais religiosos, em torno das ermidas, mantêm um conjunto de ritos que evocam as relações de vizinhança mediada pelos santos. Em Rosal, os santos são aclamados ostensivamente, e evocados em canções populares ao longo do caminho da romaria, na missa campal, na procissão e no interior da ermida. As práticas musicais e performativas encontram na festa o tempo e o espaço privilegiado para a “invenção e reinvenção da cultura, através da interação social” (Blacking 1995). Os rituais metamorfoseiam os espaços físicos em lugares simbólicos, que suscitam sentimentos de pertença e estimulam imaginários e representações culturais.

3. Algumas reflexões

O guia turístico “Roteiros do Baixo Guadiana” (Programa Operativo de Cooperação Transfronteiriça Espanha-Portugal, POCTEP 2007-2013) considera a fronteira como um espaço comum, que permite a criação de uma identidade territorial entre as três regiões que integram o Baixo Guadiana: Algarve, Baixo Alentejo e Andaluzia (<http://www.juntadeandalucia.es/turismoycomercio/publicaciones/143368212.pdf>). O espaço territorial é enfatizado pelo património material de baluartes defensivos e espaços museológicos, de interpretação e objectivação do poder dos estados ibéricos. O discurso institucionalizado, desde uma perspetiva histórica e geográfica, tem por finalidade difundir uma estratégia turística conjunta, e promover uma oferta estruturada a nível patrimonial, cultural e natural. Todavia, o espaço fronteiriço é um espaço existencial, formado por lugares cuja materialidade entrelaça elementos imateriais e intangíveis que convertem cada lugar em algo único e experienciado. Nos quais as pessoas afirmam, cada vez mais, as suas raízes históricas, culturais, religiosas e territoriais, defendendo-os “frente a la nueva lógica de los espacios sin lugar, de los espacios de flujos propios de la era informacional en la cual ya estamos plenamente inmersos” (Nogué 2007: 137). No contexto festivo as populações de Ficalho e Rosal convertem os marcos, os caminhos, as ruas e as ermidas, em lugares com significado, por representarem experiências, evocarem recordações, expressarem ideias e sentimentos de pertença. As festas permitem analisar a construção de espaços de identificação e solidariedades inter-geracionais, que estabelecem geografias emocionais na interação entre os sujeitos e os lugares, por meio da memória coletiva e da relação entre sentimento e construção social.

4. Bibliografia

- Baptista, F. O. (1996). “Declínio de um tempo longo”, em Pais de Brito, J. (org.) *O Voo do Arado*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, Instituto Português de Museus/Ministério da Cultura.
- Blacking, J. (1995). *Music, Culture & Experience*, Chicago:University of Chicago Press.
- Borneman, J. & Fowler, N. (1997). “Europeanization”, *Annual Review of Anthropology*, 26: 487-514
- Cairo Caro, H., Godinho, P. & Xerardo P. (coord.) (2009). *Portugal e Espanha – Entre discursos de centro e práticas de fronteira*. Lisboa: IELT/Edições Colibri.
- Cunha, L. (2006). *Memória Social em Campo Maior*. Lisboa: D. Quixote.
- Freire, D., Rovisco, E. & Fonseca, I. (coord.) (2009). *Contrabando na fronteira luso-espanhola: práticas, memórias e patrimónios*. Lisboa: Edições Nelson de Matos.
- Godinho, P. (coord.) (2012). *Usos da Memória e Práticas do Património*. Lisboa: Edições Colibri
- (2011). *Oír o Galo cantar Dúas Veces*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense.
- Homobono Martínez, J. I. (2012). “Dimensiones nacionalitarias de las fiestas populares: lugares, símbolos y rituales políticos en las romerías vascas”. *Zainak*. 35: 43-95.
- Machado, F. V. (1940). *Ficalho doutros tempos e de hoje*. Beja: Minerva Comercial.
- Nogué, J. (2007). “Paisaje, identidad y globalización”, *Fabrikart: arte, tecnología, industria, sociedad*, 7: 136-145.
- Rovisco, E. (2011). “Fronteira e turismo no «concelho mais português de Portugal»”. *Geopolítica(s)* vol. 2 (1): 91-107.
- (2013). “*Não Queirais ser Castelhana*”: *Fronteira e Contrabando na Raia da Beira Baixa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Scott, J. C. (2009). *The Art of Not Being Governed*, New Haven and London: Yale University Press.
- Simões, D. (2013). *Frontera y Guerra Civil de España. Dominación, resistencia y usos de la memoria*. Badajoz, Departamento de Publicaciones da Diputación Provincial de Badajoz.

Nota: Esta comunicação integra-se no projecto: “Cooperación Transfronteriza y (Des)Fronterización: Actores y Discursos Geopolíticos Transnacionales en la Frontera Hispano-Portuguesa”, coordenado pelo Professor Doutor Heriberto Cairo Caro, Universidad Complutense de Madrid, e financiado pelo Ministerio de Ciencia e Innovación (Ref. CO2012-34677), em articulação com o projecto: “A cultura expressiva na fronteira luso-espanhola: continuidade histórica e processos de transformação socioculturais, agentes e repertórios na construção de identidades”, bolsa de pós doutoramento financiada pela FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia.